

SÉCULO XXI: Barbárie ou Solidariedade.

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Este é o nome do II Seminário Internacional que está se realizando em Porto Alegre de 13 à 17 de julho de 1998 tendo por patrocínio a soma de mais de 43 entidades de classe da Sociedade Civil gaúcha.

As primeiras conferências realizadas no Salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foram proferidas pelo Professor Biplab Dasgupta da Universidade de Calcutá, da Índia, e pelo Professor Jorge Mattoso da Unicamp, tendo como tema A Crise Social e Financeira do Capitalismo Globalizado.

O professor indiano abordou a temática do crescimento oligopolista das multinacionais e a política "teológica", conforme sua visão, embasada na Santíssima Trindade do BIRD, GATT e FMI, que coartam as diversas nações emergentes num processo de destruição do seu capitalismo autóctone em prol de uma nova divisão e especialização do trabalho internacional.

Destacou a livre circulação do capital internacional em contraposição ao paradoxo da estagnação da mão de obra, impedida de circular internacionalmente e cativa das fronteiras nacionais sob o jugo da crescente "flexibilização". Outra determinação do FMI, com relação as nações emergentes, dominadas pelo G7 e pelas nações que fazem parte da OCDE, é a desconsideração à seus déficits no balanço de pagamentos, com relação ao superdimensionamento das importações com relação às exportações, pois, no entendimento daquele órgão, o mercado desregulado internacional terá o condão de futuramente bem acomodar estes índices macroeconômicos. Enfim, o palestrante desenvolveu uma lógica de exposição sistematizando as premissas exigidas pelo FMI que obrigam as nações do terceiro mundo, como a Índia e o Brasil, países de certa forma semelhantes, a destruírem sua economia interna em benefício da trilogia dominante, EUA, Japão e Europa, que recebem um menu sem subsídios e proteção que, no entanto, não aplicam para si mesmos. Em suma, os países centrais, estabelecem através dos órgãos internacionais, FMI, BIRD e GATT (OMC), a velha política do faça o que digo mas não faça o que faço, com uma hipocrisia com toda a finesse da fleugma anglo-saxônica e nipônica.

Se o diagnóstico foi a constatação de todo este processo patológico do superdimensionamento da economia financeira atuando sobre a economia física dos países, asfixiando seu processo produtivo real, por outro lado, a receita para a cura foi aquela similar, embora não mencionada a autoria, utilizada por Ghandi, Nerhuda, ambos da Índia e Gamal Abdel Nasser, do Egito, que na década de 50, meados deste século, pregavam uma liga internacional dos não alinhados, para fazerem frente à ameaça das potências da época, agora numa alternativa pós-moderna que faculte a realização de um novo Bretton Woods, potencializando através da união dos países do terceiro mundo, um pólo de força que possibilite a discussão com equidade e justiça, da reorganização do atual cenário econômico internacional. Pois, este, além de caótico e verdadeiramente kafkaniano, ameaça com uma crise sistêmica, engolfar todas as nações num grande crack internacional.

O grande público que lotou o auditório do Salão de Atos da Reitoria, se cotejasse os dados expostos pelo conferencista, com a doutrina prelecionada por Hilferding, em sua obra prima escrita em 1909, sob o título de O Capital Financeiro, poderia constatar a genialidade com que este autor, no começo do século, pode admiravelmente como uma pitonisa, através de um trabalho prospectivo, projetar uma realidade futura que cognominou de Socialismo Antagônico, que descreve com exatidão o fenômeno contemporâneo do surgimento dos oligopólios e da extinção da livre concorrência com o conseqüente desaparecimento da possibilidade da regulação e estabelecimento de preços pelo mercado. Mais do que nunca configura-se em termos de realidade histórica o axioma de que "o limite do capitalismo é o próprio capital".

John Kenneth Galbraith, em sua obra O Novo Estado Industrial, retoma os parâmetros estabelecidos por Hilferding e descreve a adulteração do mercado pelo monopolismo através da metáfora Marshalliana da floresta, em que as árvores, como as empresas, nascem, crescem e, depois, morrem, sendo substituídas por outras e assim por diante. No entanto, Galbraith, seguindo o raciocínio de Hilferding, diz que as novas árvores, na metáfora as empresas multinacionais, que conforme sua terminologia chamam-se empresas maduras, não fenecem, mas isto sim, crescem enormemente, como sequóias milenares, que com sua altura e a sombra imensa de suas copas, ao invés de serem substituídas, abafam o surgimento de árvores novas extinguindo a possibilidade de renovação que existia na visão singela do mercado de Marshal.

Galbraith vai mais longe, diz que estas empresas passam a associar-se aos estados, criando uma alteração entre os limites do público e do privado. É como se dissesse-mos: O que é bom para a Volkswagem é bom para a Alemanha e vice-versa, podendo aplicar análogamente o mesmo parâmetro, com relação a GM, no que respeita aos EUA, como também agora, em relação ao Estado do Rio Grande do Sul.

Nos próximos dias, veremos desfilar neste II Seminário Internacional, um número maior de conferencistas internacionais, como o célebre Professor Bernard Cassen, da Universidade de Paris, Diretor do Le Monde Diplomatique, que juntamente com uma plêiade de outras celebridades internacionais do mundo acadêmico universitário estarão ilustrando e colocando o estado do Rio Grande do Sul, como um pólo referencial de excelência na América Latina.

- **Sérgio Borja**
- Professor de Direito da PUC/RS e UFRGS
- tel/fax: 2 23 26 10
- e-mail: borja@pro.via-rs.com.br

Publicado na Gazeta Mercantil de 16.07.1998.